

Melodrama e Quarto Poder: a postura do JN e do Jornal da Band perante Santa Maria

Por Thiago Ferreira

Toda vez que uma grande tragédia ocorre no Brasil, já se espera ver, nos telejornais, uma cobertura emocional. Na maioria das vezes, com repórteres ou apresentadores aparecendo direto do local do acontecimento. Foi o que ocorreu no Monte do Bumba, em Niterói, nas enchentes de Santa Catarina e Região serrana do Rio de Janeiro e foi o que se viu, nesta segunda-feira (28), após o trágico incêndio na boate Kiss em Santa Maria, Rio Grande do Sul, que vitimou 231 estudantes daquela cidade, no último domingo.

A dramatização dos acontecimentos foi utilizada pelo Jornal Nacional (JN) e pelo Jornal da Band, telejornais analisados nessa crítica. Em uma das matérias do JN, José Roberto Burnier aproxima o telespectador das vítimas, mostrando um grupo de amigos de cavalgada de um dos estudantes mortos. Além disso, os retrata como heróis de uma noite trágica, entrevistando pessoas que choram, visivelmente, chocadas pelo acontecimento.

A mesma estratégia foi utilizada pelo Jornal da Band. A jornalista Eleonora Paschoal mostra, em uma reportagem, que alguns dos estudantes se comportaram como heróis para arrematar, em uma sala de aula vazia: “Mas a cidade não queria ter heróis. Queria, sim, ver sair de salas como esta, engenheiros, veterinários, agrônomos, médicos, advogados, professores”, enquanto a câmera faz um travelling entre as cadeiras vazias. A reportagem é encerrada com um soldado do exército fechando um dos túmulos.

Em uma reportagem feita em Buenos Aires, a repórter Délis Ortiz, da Rede Globo, entrevista mães de jovens que morreram em um incêndio na capital argentina. Ali, mais uma vez, o melodrama assumiu um papel de destaque. A repórter aparece de forma incomum para o padrão do Jornal Nacional e aparece abraçando uma das mães, que chora ao relembrar dos seus filhos, consolando-a.

O melodrama não foi, entretanto, a única estratégia retórica comum aos dois telejornais. Tanto o Jornal da Band quanto o JN recorreram também ao valor do jornalismo como Quarto Poder. No JN, foi exibida uma matéria em que casos de outros países resultaram no endurecimento da legislação. O recado fica claro: o mesmo deve se repetir no Brasil. Se havia alguma dúvida sobre o papel fiscalizador do jornalismo e o que ele espera das autoridades, Ricardo Boechat, âncora do Jornal da Band, trata de dissipar, olhando fixamente para a câmera:

“Hoje, o governador Tarso Genro declarou que não é hora de procurarmos culpados pela tragédia de Santa Maria. Compreende-se a cautela do governador ante as famílias enlutadas que choram por seus mortos, mas, quando as lágrimas secarem, será preciso lembrar que a boate, em que morreram centenas de jovens, tinha até agosto do ano passado, há poucos meses, autorização do Corpo de Bombeiros gaúcho para funcionar normalmente e que, de lá pra cá, continuou funcionando normalmente e já era a arapuca que o fogo destruiu na madrugada de ontem. Tudo bem, governador, não é hora de procurar culpados, mas quando essa hora chegar, o senhor precisa dizer para o País que o Corpo de Bombeiros gaúcho, de alguma forma, errou e que o comandante supremo do Corpo de Bombeiros, em todos os estados, é sempre, exatamente, o governador. Todas as casas noturnas do Brasil inteiro precisam passar por uma fiscalização imediata das autoridades. Dinheiro, urgência e gente pra isso, simplesmente, não faltam. E, nós, aqui da Band, vamos cobrar providências”.